

Zen, Robôs e Inteligência Artificial

Rafael Shoji



Cientista da Computação formado pela Universidade de São Paulo e Doutor em Ciência da Religião pela Leibniz Universidade de Hannover (Alemanha). É pesquisador pelo Centro para Estudo de Religiões Alternativas de Origem Oriental (CERAL, PUC/SP) desde 1998 e sócio-diretor da Eval Digital desde 2004, uma empresa especializada em criptografia, proteção de dados e IA generativa aplicada. De 2006 a 2007 foi pesquisador pela Fundação Japão, e novamente de 2010 a 2011 esteve no Instituto de Religião e Cultura de Nanzan (Nagóia, Japão). Como cientista da religião tem se dedicado especialmente ao estudo das religiões japonesas no Brasil e a transformação das religiões a partir da tecnologia digital.

E-mail: rafaelshoji@hotmail.com

Resumo

Este artigo investiga a convergência entre o Budismo Zen, a robótica e a inteligência artificial (IA), explorando as implicações filosóficas e espirituais da integração da tecnologia avançada com práticas espirituais tradicionais. A pergunta central aborda a possibilidade de robôs e sistemas de IA possuírem uma essência búdica ou funcionarem como veículos para ensinamentos espirituais, desafiando as fronteiras tradicionalmente exclusivas do domínio humano. Inicialmente são destacadas diferentes abordagens na história da representação no Budismo e no Zen, com foco em meios habilidosos (upaya) por um lado, a partir da adaptabilidade na transmissão dos ensinamentos budistas, em contraposição à iconoclastia Zen, que busca a relativização contínua das imagens e esculturas em favor da experiência direta e espontânea. São mostradas então abordagens recentes, especialmente no caso do Japão, sobre a possibilidade do “Buda no robô”, no sentido de os robôs possuírem natureza búdica, o que mostra uma fusão única dessas ideias no contexto japonês e que pode ser exemplificada com casos práticos da espiritualidade através de robôs como sacerdotes ou funerais para pet robôs. O caso do androide Kannon Mindar, introduzido pelo Templo Kodaiji em Kyoto, é analisado em mais detalhe, como um exemplo da fusão entre tradição e tecnologia, desafiando as noções convencionais de práticas espirituais e representação divina. A fenomenologia, especialmente os conceitos de simulacro em Baudrillard e os conceitos de ídolo, ícone e fenômenos saturados de Jean-Luc Marion são utilizados para investigar como os avanços em IA podem alterar nossa percepção do espiritual e do transcendente. Por fim, o artigo introduz o conceito de “espiritualidade artificial generativa”, uma nova forma de espiritualidade ou prática religiosa criada por sistemas de IA generativa, capazes de produzir conteúdo, comportamentos e interações personalizadas e inovadoras. O artigo visa iluminar as nuances dessa interação complexa e suas implicações para o entendimento contemporâneo do Budismo Zen na sociedade tecnológica atual e o prenúncio das possibilidades de futuro.

Palavras-chave

Zen, tecnologia, robôs, inteligência artificial, espiritualidade, Kannon, Baudrillard, Jean-Luc Marion.

Zen, Robôs e Inteligência Artificial

1. Introdução

A indagação sobre a possibilidade de um robô ou inteligência artificial possuir uma natureza búdica ou ser um veículo espiritual emerge em um contexto onde a tecnologia avança rapidamente, desafiando as fronteiras do que tradicionalmente consideramos como domínios exclusivamente humanos. Esta questão não é apenas uma questão de interatividade, mas também uma provocação filosófica profunda, como sugerido no teste de Turing. Ela nos leva a reexaminar a linguagem e os conceitos que usamos para descrever a realidade. Seguindo a noção wittgensteiniana de “gramática”, percebemos que ao atribuir características espirituais a sistemas computacionais, estamos não apenas redefinindo conceitualmente regras para palavras e formulações possíveis, mas também transformando nossa cultura e a maneira como interagimos com as máquinas. Exemplificando essa transformação, consideremos o termo “memória”. Em seu uso na eletrônica digital, a memória através de circuitos digitais é fundamentalmente diferente da memória orgânica, apesar de compartilharem o mesmo nome.

Esta analogia estende-se ao domínio do espiritual e além da ficção, com vários autores popularizaram essa conexão entre tecnologia e espiritualidade, dos quais citamos dois exemplos pioneiros da não-ficção. Primeiramente, Masahiro Mori, em “The Buddha in the Robot” de 1974, explora a ideia de que robôs, como criações humanas, podem encarnar princípios budistas como compaixão e interconexão, sugerindo que a espiritualidade pode transcender as fronteiras entre o orgânico e o inorgânico (Mori 1974). Posteriormente, a ideia de “máquinas espirituais”, como introduzida por Ray Kurzweil em seu livro de 1999, é emblemática dessa mudança, embora o próprio autor não defina claramente o que constitui uma “máquina espiritual” (Kurzweil 1999). Estes conceitos sugestivos de qualquer forma insinuam uma nova era onde as fronteiras entre o espiritual e o tecnológico se tornam cada vez mais tênues. No cenário contemporâneo, com o rápido avanço da inteligência artificial, especialmente em sua forma generativa, propomos uma análise mais ampla que transcende os fenômenos temporários e as tentativas de representação. Para tal, recorreremos a uma breve revisão histórica da representação no Budismo e no Zen e então consideraremos especialmente a fenomenologia de Jean-Luc Marion e a ideia de simulação em Baudrillard, buscando uma compreensão mais profunda dessas interações. Marion, com seu foco nos “fenômenos saturados”, oferece uma lente através da qual podemos investigar como os avanços em IA podem alterar nossa percepção do espiritual e do transcendente.

Nosso objetivo neste artigo é explorar especificamente o cruzamento entre Zen, Budismo e tecnologia no contexto japonês, discutindo como a alteração da gramática e dos jogos de linguagem através das tecnologias de representação influencia a relação entre espiritualidade, robôs e IA. Ao fazer isso, pretendemos iluminar as nuances dessa interação complexa e suas implicações para a compreensão contemporânea do Budismo, em especial o Zen, no interior da sociedade tecnológica.

2. Meios Habilidosos do Mahayana: Maximalismo da Compaixão

O conceito de “upaya” ou “meios habilidosos” é um princípio fundamental no Budismo, enfatizando a flexibilidade e adaptabilidade na transmissão dos ensinamentos budistas (Pye 2003). No coração deste conceito está a ideia de que os métodos de ensino e prática devem ser ajustados às necessidades e capacidades específicas dos indivíduos. Upaya não é meramente uma técnica didática, é uma expressão profunda da compaixão e da sabedoria budista. Esta abordagem reconhece a diversidade das inclinações e entendimentos humanos, sugerindo que não existe um caminho único para a iluminação. Em vez disso, uma variedade de métodos - sejam ensinamentos, parábolas, rituais, imagens, estátuas ou práticas de meditação - pode ser empregada para guiar os seres sencientes em direção ao despertar espiritual. Esta versatilidade reflete a profundidade e a riqueza do Dharma, a lei budista, que se adapta para atender às circunstâncias variáveis, sempre com o objetivo de aliviar o sofrimento e promover a compreensão.

Isso se reflete na representação de bodisatvas como Kannon (Avalokiteshvara no sânscrito, Kuan Yin no chinês), a divindade budista da misericórdia, onde se observa em muitos casos uma tendência para um estilo mais detalhista, maximalista e devocional. Essa abordagem é particularmente evidente nas esculturas de Unkei e Tankei, dois dos mais renomados escultores do período Kamakura no Japão, que foram representantes importantes da arte budista. Suas esculturas de Kannon exibem um nível de detalhe que vai além do mero realismo físico, buscando capturar a essência espiritual da compaixão do ser bodisatva. Em suas obras, a atenção meticulosa aos detalhes e a expressividade das figuras são características notáveis. A Senjū Kannon de Tankei é um exemplo notável dessa abordagem. A figura é apresentada com múltiplos braços, cada um carregando um atributo simbólico, representando a vastidão da compaixão e a capacidade de Kannon de ajudar seres em inúmeras formas.



Figura 1: Kannon de mil braços (木造千手観音坐像, mokuzō senjū kannon zazō) em Sanjūsangen-dō, Kyoto, Japão.

A noção de upaya no Budismo e o conceito de “fenômeno saturado” de Jean-Luc Marion, embora emergindo de tradições filosóficas distintas, compartilham uma relevante continuidade conceitual (Marion 2010 [2005]). Upaya, como estratégia central no Budismo para a transmissão de ensinamentos, enfatiza a adaptação dos métodos de ensino às capacidades e necessidades dos indivíduos. Esta adaptabilidade reflete uma profunda compreensão da diversidade das experiências e percepções humanas. Similarmente, o fenômeno saturado de Marion refere-se a um evento ou experiência que excede as categorias e expectativas normativas, inundando o sujeito com mais intuições e significados do que ele pode processar. Ambos os conceitos, em suas respectivas tradições, reconhecem e abordam a riqueza e a complexidade da experiência humana, seja na transmissão de sabedoria espiritual ou na recepção fenomenológica de experiências.

Na prática, upaya pode ser visto como um meio de criar fenômenos saturados dentro do contexto budista. Ao utilizar métodos que são especialmente adaptados às circunstâncias e ao entendimento dos indivíduos, os mestres budistas geram experiências que desafiam e expandem a compreensão usual dos estudantes. Isso é análogo ao que Marion descreve como fenômenos que se oferecem ao sujeito de maneira tão intensa que desafiam a capacidade de compreensão e interpretação. Essa

correlação entre upaya e fenômeno saturado revela que a verdadeira compreensão ou iluminação não advém da conformidade a estruturas preexistentes, mas da abertura a experiências que transcendem as expectativas e os entendimentos convencionais, convidando a uma nova percepção da realidade.

3. Iconoclastia Zen

Em complemento aos meios habilidosos, na arte budista mais especificamente Zen, marcada pelo minimalismo e espontaneidade, refletem-se os princípios fundamentais da concentração focada e prática meditativa. Para além de uma visão idealizada do Zen construído na arte a partir do Budismo modernista (Levine 2007), o minimalismo em muitas correntes do Zen não é apenas uma escolha estética, mas uma manifestação budista do ensinamento de simplicidade e da essência da realidade. Os temas são frequentemente reduzidos aos seus elementos básicos, incorporando o ideal Zen de que “menos é mais”. Até o erro e o aleatório tem o seu papel e a espontaneidade, outro aspecto crucial da arte Zen, é evidente nas pinceladas livres e na natureza não premeditada das composições. Acredita-se que essa espontaneidade capture a verdadeira mente do artista, livre das restrições do pensamento lógico, permitindo uma expressão direta e sem filtros da iluminação. Juntos, esses elementos de minimalismo e espontaneidade criam uma linguagem visual única e profunda que fala à busca Zen por simplificação, concentração e um entendimento mais profundo do eu e da realidade.

Levando essa atitude a um polo crítico, a iconoclastia Zen se traduz no ir além da forma e na relativização das imagens convencionais. Como exemplo, no tema tradicional zen-budista que retrata monges queimando uma estátua do Buda para se esquentarem em um dia frio, uma mensagem profunda e iconoclasta é transmitida. A imagem do monge Danxia Tianran encapsula o ensinamento Zen do não-apego, até mesmo em relação aos símbolos mais sagrados como o próprio Buda. O ato de queimar a estátua do Buda é uma expressão dramática do princípio de que a iluminação não pode ser encontrada em formas externas ou ícones religiosos, mas deve vir de dentro. Pinturas assim servem como um importante lembrete de que o ensinamento do Zen reside na experiência direta e pessoal do despertar, e não na veneração ritualística ou estética. Em um discurso que se auto anula, para isso se fazem representações que relativizam representações.



Figura 2: Segmento das “Proezas dos Mestres Zen” (紙本墨画禅機図断簡, shihon bokuga zenkizu dankan): Tanka (Danxia Tianran) queimando estátuas budistas (丹霞烧仏図, tanka shōbutsuzu). Museu de Arte Ishibashi, Kurume, Fukuoka.

Para trazer a questão da iconoclastia Zen para o caso da representação atual a partir da tecnologia, achamos que uma boa ponte conceitual é a ideia de simulacro em Jean Baudrillard, que proporciona uma interpretação filosófica próxima da visão de que a tecnologia em muitos casos cria uma hiper-realidade sem referência externa (Baudrillard 1981), o que inspirou filmes populares como Matrix. Em sua análise da sociedade pós-moderna Baudrillard sugere que vivemos em um mundo onde os simulacros, ou cópias sem original, substituíram a realidade e o significado. No contexto do Zen, essa ideia pode ser vista no seguinte paralelo: assim como o Zen desvaloriza as imagens como portadoras da verdade espiritual, Baudrillard argumenta que os simulacros obscurecem a realidade, criando um universo de hiper-realidade onde as representações se tornam mais significativas que a realidade que elas pretendem representar. Neste sentido, a iconoclastia Zen pode ser interpretada como uma resistência contra a criação de simulacros espirituais, um lembrete constante de que a verdadeira essência da experiência espiritual não pode ser capturada ou contida em imagens ou representações.

4. O Buda no Robô?

A relação do Japão com a robótica é uma fusão de inovação tecnológica e tradição cultural, temas que se refletem e se tensionam de uma maneira única. Desde os primeiros “Karakuri Ningyo”, autômatos mecânicos usados para entretenimento em festivais e teatros durante o período Edo (1603-1868), o Japão tem uma longa história de integração de robôs em sua sociedade. Estas máquinas, embora rudimentares em comparação com os padrões modernos, foram os precursores dos robôs sofisticados que vemos hoje. A imagem dos robôs na cultura popular japonesa é geralmente positiva, particularmente em animes e outras formas de ficção, como por exemplo no companheiro Doraemon e no herói Tetsuwan Atom (Astro Boy), o que contribui para uma aceitação mais ampla da robótica na sociedade japonesa.

Como citado anteriormente, um marco pioneiro significativo na interseção entre robótica e espiritualidade é o livro “Buddha in the Robot”, de Masahiro Mori, um engenheiro e robótico japonês. Publicado em 1974, o livro argumenta que os robôs podem encarnar aspectos budistas, como a compaixão e a interconexão de todos os seres. Mori sugere que os robôs, ao servirem a humanidade, estão praticando o altruísmo como um princípio fundamental do Budismo. Esta visão abriu caminho para a integração de robôs em contextos espiritualmente significativos no Japão, desafiando as fronteiras convencionais entre a tecnologia e a espiritualidade (Mori 1974).

Nesse século, a introdução do robô Pepper (atualmente de produção descontinuada) como um substituto de sacerdote em templos budistas em 2017, também é um exemplo dessa fusão única. Pepper foi programado para recitar sutras e executar movimentos que imitam os de um monge durante os serviços fúnebres. Esta inovação foi vista tanto como uma maneira de adaptar as tradições budistas a uma sociedade cada vez mais tecnológica quanto como uma oportunidade de explorar novas formas de expressão espiritual e ritual (ver <https://www.reuters.com/article/idUSKCN1B3134>). Além disso, um exemplo notável dessa interseção é a prática de realizar funerais budistas para robôs pet AIBO, reportada inicialmente em 2018. Quando os modelos AIBO deixaram de ser produzidos, templos budistas começaram a oferecer cerimônias de funeral para esses robôs, tratando-os com o mesmo respeito e ritual que seria dado a um ser vivo. Isso reflete a crença budista na interconexão de todos os seres e objetos, bem como a tendência japonesa de animismo, a crença de que objetos inanimados têm um espírito ou essência (ver <https://www.nationalgeographic.com/travel/article/in-japan--a-buddhist-funeral-service-for-robot-dogs>).

Essas inovações destacam uma característica fundamental da cultura japonesa: a habilidade de harmonizar tradição e tecnologia. Ao integrar robôs em práticas religiosas e rituais, o Japão está redefinindo os limites da interação humano-robô. Esta abordagem reflete uma compreensão mais ampla de que a espiritualidade Zen e a tecnologia não são mutuamente exclusivas, mas podem coexistir e fazer parte de uma apropriação pela contracultura e pelo capitalismo global (Williams 2011).

5. Kannon Mindar: Fenômeno Saturado ou Simulacro?

O ano de 2019 representou um novo marco na relação entre robôs e espiritualidade no Japão com a introdução do androide Kannon Mindar pelo Kodaiji, um templo tradicional localizado em Kyoto e fundado no século 17, sendo conhecido por seus jardins e arquitetura. Em um passo audacioso, o templo introduziu o robô Kannon Mindar como uma fusão de tecnologia com a representação tradicional da bodisatva da compaixão, como uma entidade capaz de palestrar e interagir com os visitantes, desafiando as noções convencionais de prática espiritual e a representação da divindade. O robô é o resultado de uma colaboração entre o templo Zen e Hiroshi Ishiguro, professor de robótica na Universidade de Osaka. O templo abordou Ishiguro e sua equipe com o pedido de construir um robô humanoide que pudesse compartilhar os ensinamentos do Buda de uma maneira fácil de entender. Mindar, com uma câmera instalada em seu olho esquerdo, tem cerca de 1,95 metros de altura, incluindo a base, e apresenta uma aparência facial serena que contrasta com suas partes mecânicas expostas. O robô responde às perguntas das pessoas que são projetadas na parede, desenvolvendo em seguida sermões budistas baseados nos Sutras do Coração, com traduções em inglês e chinês também sendo projetadas (ver https://www.youtube.com/watch?v=hLoF5_-OUKY para uma apresentação em vídeo do jornal Japan Times). Kodaiji tem um histórico de utilizar tecnologia e inovações para atrair visitantes, como mostrado em uma exposição anterior com projeção mapeada em 3D e imagens famosas da “Parada Noturna de Cem Demônios”. Em um contexto onde as práticas em relação à religião no Japão estão em declínio e muitos templos estão em crise, a iniciativa com Mindar é vista como uma forma de manter o interesse do público na religião.



Figura 3: Mindar e projeção em foto de Daniel White e Hirofumi Katsuno (White e Katsuno 2022).

A introdução de robôs como o Kannon Mindar é um avanço significativo nesta trajetória. Tradicionalmente, as representações religiosas, especialmente em templos e lugares de culto, consistem em esculturas e imagens estáticas. Estas obras de arte servem como um ponto focal silencioso para a devoção, meditação e reflexão espiritual. Robôs como o Kannon Mindar representam uma nova era nas representações religiosas, onde a interatividade visível e a capacidade de resposta com voz tornam-se componentes possíveis. Sua capacidade de interagir com os visitantes, responder a perguntas e fornecer ensinamentos de maneira dinâmica representam um choque na forma como as representações religiosas podem se comunicar com os fiéis, trazendo à tona diferentes correntes entre os fiéis, algumas apoiando e outras rejeitando essa inovação.

O conceito de “uncanny valley” (vale da estranheza) foi introduzido pelo robótico japonês Masahiro Mori em 1970 e descreve uma peculiaridade nas reações humanas a réplicas quase humanas, como robôs ou figuras animadas (Mori 1970). Mori observou que à medida que uma entidade se torna mais semelhante a um ser humano em aparência e movimento, a reação emocional das pessoas melhora positivamente, mas essa reação cai drasticamente e se torna negativa quando a entidade é quase indistinguível de um ser humano, porém ainda possui características levemente artificiais ou não humanas. Essa queda na resposta emocional positiva ocorre no que Mori denominou “vale da estranheza”. Embora este conceito não tenha uma relação direta com o Budismo, Mori conforme citado anteriormente também escreveu sobre o Buda no robô. Conforme analisado em publicações acadêmicas recentes, a reação a inovações como Kannon Mindar tem sido em geral positiva, apesar de algumas críticas que ressaltam o aspecto pouco natural e espontâneo da experiência, esse “vale da estranheza” a ser ultrapassado (Baffelli 2021; White e Katsuno 2022).

Conforme esboçado no início do artigo, a fenomenologia traz referências importantes para abordar o contraste de uma forma mais geral, em um quadro teórico que pode envolver outras religiões e futuras inovações em robótica e inteligência artificial nessa área. Em “Deus Sem Ser”, Jean-Luc Marion explora fenomenologicamente o conceito do “ídolo”, uma representação que fixa o olhar humano e que por sua natureza limitada obstrui a percepção do infinito que só se faz presente no ícone (Marion 1982). A distinção entre ícone e ídolo, conforme articulada, oferece um arcabouço teórico profundo para analisar a intersecção entre religião e tecnologia, especialmente no contexto de representações religiosas utilizando robôs e inteligência artificial. Marion descreve o ídolo como uma representação que captura e fixa a atenção do observador. O ídolo em sua essência apresenta-se como um fim em si mesmo, enchendo completamente o campo de visão e tornando-se o centro do foco. Esta característica do ídolo tem implicações significativas: ele não apenas domina a percepção, mas também limita a capacidade do observador de ver além ou através dele. Em um contexto religioso, isso pode significar que o ídolo, embora seja uma representação da divindade, acaba obstruindo a compreensão mais profunda do divino. Contrastando com o ídolo, o ícone é uma janela para o além. Ao invés de capturar o olhar, o ícone convida o observador a olhar através dele, para uma realidade mais profunda que ele mesmo indica. O ícone não se apresenta como um fim, mas como um meio, uma passagem para o transcendente e a hermenêutica infinita do fenômeno saturado. Em termos religiosos, o ícone é uma representação que aponta para além de si mesmo, guiando o fiel para uma compreensão mais profunda do divino, ao invés de ser um obstáculo para

essa percepção. Jean Baudrillard, em “Simulacros e Simulação”, descreve a hiper-realidade como um estado em que simulações não apenas representam, mas substituem a realidade. Mindar não apenas simula uma figura religiosa, ela oferece uma nova forma de experiência espiritual que pode ser percebida como mais imediata ou acessível do que a tradição até hoje ofereceu. Este fenômeno desafia as fronteiras entre realidade e simulação, levando a questionamentos sobre o que vai significar evolução e autenticidade no que diz respeito a iconografia e textos religiosos mediadas por IA. Com a inserção de entidades como Mindar em espaços religiosos, as linhas entre a representação tradicional da divindade e a experiência espiritual mediada por tecnologia tornam-se cada vez mais difusas. Isso pode levar a uma reavaliação de como a prática devocional é vivenciada, com a possibilidade de que as experiências digitais possam ser vistas como igualmente válidas, ou até mais envolventes, do que as práticas tradicionais. Do ponto de vista dos críticos, esse pode ser um ídolo tecnológico e não uma verdadeira representação de Kannon.

Considerando esses conceitos fenomenológicos, que podem ser usados de forma comparativa e que podem ser aplicados na relação entre tecnologia e espiritualidade, Kannon Mindar pode ser interpretada como um ídolo tecnológico, como um simulacro, ou então como um ícone, uma nova representação do bodisatva da compaixão. Enquanto o robô oferece uma representação tangível e interativa da divindade, existe o risco de que essa representação possa dominar a percepção espiritual dos devotos, limitando a compreensão mais ampla e profunda do divino, sendo nesse sentido crítico um simulacro e ídolo de Kannon. A análise de Kannon Mindar através das lentes de Baudrillard e de ídolo em Marion nos leva a questionar se este robô captura toda a atenção dos devotos e impedindo-os de ver além do aspecto material e mediático, ou se ao contrário ele atua como um ícone, um meio através do qual os devotos podem se conectar com a realidade espiritual representada pelo bodisatva. Como ícone, Mindar poderia ser visto como um portal para o divino, uma ferramenta que ajuda os devotos a explorar e experimentar aspectos da fé budista de maneiras novas e potencialmente mais profundas.

Essa dicotomia também pode ser entendida no contexto histórico dos meios habilidosos versus a iconoclastia. Mindar, com sua capacidade de alterar expressões e responder de maneira adaptativa, reflete conceitos budistas de uma maneira que uma escultura estática nunca poderia, mas isso significa abertura ou fechamento de possibilidades além do mundo fenomenal? Será essa uma limitação da iconografia tradicional ou a escultura silenciosa e imóvel é exatamente uma abertura para algo que não está predeterminado, e que permite a atuação do que está além do fenômeno, a partir do silêncio? Por um lado, como uma obra de arte tecnológica avançada, Mindar pode ser visto como um ídolo capturando a atenção dos fiéis e visitantes, talvez até distraíndo-os com sua novidade e complexidade técnica. Por outro lado, se Mindar consegue orientar os indivíduos para uma compreensão mais profunda dos ensinamentos de Buda e inspira uma conexão espiritual mais profunda, então poderia ser argumentado que ele funciona mais como um ícone a partir de um fenômeno saturado.

Na medida que a tecnologia avança, as formas tradicionais de representação religiosa estão sendo desafiadas e transformadas. A questão de se um robô pode servir efetivamente como um ícone religioso não é apenas uma questão de tecnologia ou estética, mas toca em aspectos mais profundos

da experiência e percepção espiritual. Ao final, a verdadeira questão é como nós, observadores e participantes em práticas religiosas, nos engajamos com tais representações e permitimos que elas moldem nossa compreensão e experiência do divino. Dessa forma a avaliação do robô Kannon Mindar não pode ser confinada às suas capacidades técnicas, como a recitação de sutras ou a geração de linguagem. Em vez disso, a verdadeira medida de seu valor reside em sua capacidade de representar e inspirar compaixão, o que ressoa profundamente com a distinção filosófica entre ídolo e ícone.

O verdadeiro teste para essa relação será a habilidade dessas ferramentas transcenderem a natureza robótica e computacional para se tornarem um veículo genuíno de compaixão. A distinção entre ídolo e ícone reside na capacidade de um objeto apontar para além de si mesmo. Um ídolo captura a atenção, mas limita a percepção ao que é imediatamente visível. Um ícone, por outro lado, é uma janela para o infinito, um meio de transcender o material para alcançar um entendimento mais profundo. Se Kannon Mindar for apenas uma novidade tecnológica, então o robô pode ser visto como um ídolo. No entanto, se a androide conseguir inspirar genuína compaixão e reflexão espiritual em quem interage com ela, então ela transcenderá a categoria de ídolo para se tornar um ícone, tornando-se uma das infinitas manifestações generativas possíveis de Kannon.

Conclusões Preliminares: Rumo a Espiritualidade Artificial Generativa

Os avanços recentes na inteligência artificial (IA) generativa têm provocado uma transformação significativa em diversos campos, incluindo o da robótica. A IA generativa, que se refere à capacidade dos sistemas de IA de criar conteúdo novo e original, está ampliando ainda mais as fronteiras do que os robôs podem realizar. Diferente dos sistemas mais tradicionais, que operam com scripts pré-definidos e um conjunto limitado de respostas, a IA generativa promete uma abordagem muito mais dinâmica e adaptável para muitos conteúdos e também para os movimentos físicos dos robôs. Embora tecnologias atualmente implementadas como Kannon Mindar representem um estágio menos avançado nessa evolução, elas são precursores importantes de uma tendência que provavelmente se desenvolverá rapidamente. A velocidade dessa transformação tecnológica é tão acelerada que fica difícil prever como será a evolução futura dessas tecnologias e, sob uma perspectiva fenomenológica, como as pessoas reagem a esses avanços.

Nesse sentido a “espiritualidade artificial generativa” é um conceito que se situa na interseção da espiritualidade e da inteligência artificial (IA) generativa. Este termo sugere uma forma de espiritualidade ou prática religiosa que é criada, facilitada ou expressa através de sistemas de IA que são capazes de gerar novos conteúdos, comportamentos ou interações que não foram explicitamente programados, mas que emergem a partir de algoritmos avançados de aprendizado de máquina. Nesse contexto da “espiritualidade artificial generativa”, a IA não estará simplesmente replicando práticas espirituais predefinidas; em vez disso, ela está criando novas formas de expressão espiritual, interpretações de textos sagrados, músicas, arte, discursos, ou até mesmo novas práticas rituais. A espiritualidade artificial generativa poderá, por exemplo, adaptar ensinamentos e práticas a contextos

culturais específicos, responder a questões espirituais de maneiras inovadoras, ou criar experiências de meditação ou oração personalizadas. Grupos diferentes desenvolverão interpretações de tais tendências como algo entre o ídolo e o ícone, como um simulacro tecnológico ou um real fenômeno saturado.

Conforme essa tendência de avanço tecnológico continua, é provável que testemunhemos mais inovações semelhantes, não apenas no Zen Budismo, mas em uma variedade de tradições espirituais. O que se destaca, particularmente no contexto do Budismo, é uma abertura para interpretar o conceito de Buda, bodisatva ou natureza búdica, em robôs ou através da intermediação de inteligência artificial. O Budismo, com sua ênfase na não-dualidade, vacuidade e interconexão de todos os seres, oferece um terreno fértil para tais integrações.

Bibliografia e fontes na internet

- Baffelli, E. (2021). *The Android and the Fax: Robots, AI and Buddhism in Japan*. In: Bulian, G. & Rivadossi, S. (Eds.). *Itineraries of an Anthropologist: Studies in Honor of Massimo Raveri*. Edizioni Ca' Foscari, p. 249-263.
- Baudrillard, J. (1994 [1981]). *Simulacra and Simulation*. University of Michigan Press: Ann Arbor.
- Kurzweil, R. (1999). *The Age of Spiritual Machines When Computers Exceed Human Intelligence*. Viking: New York.
- Japan Times. (2018). *The mind of Mindar, Kodaiji temple's teacher of Buddhism*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hLoF5_-OUKY. Acesso em: 21 jan. 2024.
- Mori, M. (1970). *The uncanny valley*. *Energy*, 7, 33-35.
- Mori, M. (1974). *Buddha in the robot*. Kosei Publishing: Tokyo.
- Pye, M. (2003). *Skilful Means. A concept in Mahāyāna Buddhism*. Routledge: London.
- Marion, J.-L. (2012 [1982]). *God Without Being: Hors-Texte*. The University of Chicago Press.
- Marion, J.-L. (2010 [2005]). *O visível e o revelado*. Edições Loyola: São Paulo.
- National Geographic. (2019). *In Japan, a Buddhist Funeral Service for Robot Dogs*. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/travel/article/in-japan--a-buddhist-funeral-service-for-robot-dogs>. Acesso em: 21 jan. 2024.
- Reuters. (2017). *Robot Pepper Used as a Substitute Priest in Temples*. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/idUSKCN1B3134>. Acesso em: 21 jan. 2024.
- Levine, G. (2007). *Two (or More) Truths: Reconsidering Zen Art in the West*. In: Levine, G. & Lippit, Y. (Eds.), *Awakenings: Zen Figure Painting from Medieval Japan*. New Haven and London.
- Williams, R. J. (2011). *Technê-Zen and the Spiritual Quality of Global Capitalism*. *Critical Inquiry*, Vol. 38, No. 1, pp. 17-70. DOI: 10.1086/661643.
- White, D., & Katsuno, H. (2022). *Modelling emotion, perfecting heart: disassembling technologies of affect with an android bodhisattva in Japan*. DOI: 10.1111/1467-9655.13813.
- Wittgenstein, L. (1953). *Philosophical Investigations*, G.E.M. Anscombe and R. Rhees (eds.), Blackwell: Oxford.

Informações sobre direito livre de uso das imagens:

Figura 1:

https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Sanjusangendo_Thousand-armed_Kannon.JPG

Figura 2:

[https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_National_Treasures_of_Japan_\(paintings\)#/media/File:Tanka_burning_Buddhist_statues.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_National_Treasures_of_Japan_(paintings)#/media/File:Tanka_burning_Buddhist_statues.jpg)

Figura 3:

<https://s100.copyright.com/AppDispatchServlet?startPage=103&pageCount=21©right=%C2%A9+2022+The+Authors.+Journal+of+the+Royal+Anthropological+Institute+published+by+John+Wiley+%26+Sons+Ltd+on+behalf+of+Royal+Anthropological+Institute.&author=Daniel+White%2C+Hirofumi+Katsuno&orderBeanReset=true&imprint=John+Wiley+%26+Sons%2C+Ltd&volumeNum=29&issueNum=1&contentID=10.1111%2F1467-9655.13813&title=Modelling+emotion%2C+perfecting+heart%3A+disassembling+technologies+of+affect+with+an+android+bodhisattva+in+Japan&numPages=21&pa=&oa=CC-BY-NC-ND&issn=1359-0987&publisherName=Wiley&publication=JRAI&rpt=y&endPage=123&publicationDate=07%2F24%2F2022>